

O OLHAR EM VIAGEM: A INSPETORIA DE OBRAS CONTRA AS SECAS E OS A(U)TORES DO SERTÃO (1909-1914)

Kleitton de Sousa Moraes*

Resumo: O artigo analisa as narrativas das viagens científicas promovidas pela Inspetoria de Obras Contra às Secas (IOCS) que construía representações do mundo sertanejo. Essas viagens fizeram parte do plano intervencionista do órgão participando como uma primeira apropriação do espaço “sertão” por aqueles que se investiam da autoridade para falar, os cientistas da IOCS.

Palavras-chaves: sertão, viagens, IOCS.

ABSTRACT: The article analyses narratives about the scientific travels promoted by Inspetoria de Obras Contra às Secas (IOCS) that elaborate visions about hinterland’s world. These travels were part of a interventionist plan created by IOCS. This was the first attempt to appropriate the place called “hinterland” by those who wore the authority’s power to speak about this place, the IOCS’s scientists.

Keywords: hinterland, travels, IOCS.

A temática da construção da nação no Brasil mobilizou a comunidade letrada brasileira desde o Império e revelou-se um tópico em que comumente se provocavam acaloradas discussões em torno do tópico “nação brasileira”. Ainda no séc. XIX homens como José de Alencar se colocavam a tarefa de responder a questões do tipo: o que nos singularizava como povo? Fato foi que grande parte da literatura produzida naquele contexto buscou encontrar nos sertões brasileiros as respostas para esse tipo de inquietação. O deslocamento do olhar para o espaço sertanejo do país visava encontrar ali, ainda em estado bruto, os vestígios primevos da nossa nacionalidade, que, segundo alguns, se perdiam com a contaminação estrangeira nas capitais do país. O desafio de conhecer o sertão para melhor compreender-nos era encarado como uma ação premente, sob o custo de o avanço da “civilização” sobre os sertões fazer desaparecer em pouco tempo o que restava de nossas “origens”. Assim desabafava o mesmo José de Alencar:

Quando te tornarei a ver, sertão da minha terra, que atravessei há tantos anos na aurora serena e feliz de minha infância. (...)

A civilização que penetra pelo interior, corta os campos de estradas, e semeia pelo vastíssimo deserto as casas e mais tarde as povoações. (ALENCAR, s/d: 9-10).

* Mestrando em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Alguns romances históricos de Alencar, Taunay e Bernardo Guimarães, por exemplo, expressavam uma singular tendência literária: temáticas sertanejas e caráter verossímilante na construção narrativa. Mas essa temática não avultou somente no campo literário. Os próprios membros de instituições científicas se colocavam nessa discussão. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) durante todo século XIX promovia viagens aos sertões brasileiros com o objetivo de coletar dados acerca daquele espaço.

Ao aproximar-se o final do século XIX esse movimento que ia de encontro ao sertão foi ganhando corpo com a literatura de Coelho Neto, as cantigas de Catulo da Paixão Cearense, o teatro de Artur Azevedo e o advento do estudo do folclore. O sertão virava o palco privilegiado do espetáculo da nacionalidade brasileira em gestação e, sobretudo, objeto de criação de toda uma sensibilidade que buscava fazer “ver” o sertão para àqueles que não o conheciam.

O advento da República, nesse contexto, renovou o projeto de construção da nação, sob os olhares de uma sociedade que se modernizava rapidamente. As implicações dessa aventura modernizadora ressoavam nas mudanças que se corporificavam mais rapidamente nas cidades desde fins do século XIX. A racionalidade científica surgia triunfante e se colocava como organizadora da nova sociedade. Engenheiros e médicos ocupavam posições de destaque na administração pública e se colocavam como autoridades para falar sobre qualquer assunto.

Foi nesse contexto que em fins de 1902 foi publicado com rumoroso sucesso o livro “*Os sertões*”, em que o engenheiro Euclides da Cunha retomava a temática “sertão” sob novo prisma. Intentando inicialmente contar a história da Guerra de Canudos ocorrida nos sertões da Bahia, para onde fora mandado como correspondente do jornal “O Estado de S. Paulo”, o autor acabou redigindo um livro-denúncia contra as atrocidades cometidas pelos homens do exército brasileiro nos sertões baianos. O próprio autor retomaria esse tom de denúncia em escritos posteriores, atentando para a necessidade não mais só de conhecer os sertões, mas de intervir neste através do progresso de uma maneira diferente do que ocorrera em Canudos, quando o progresso mostrara-se pela violência. Trocar as armas de guerra pelas ferramentas científicas do progresso e refundar uma civilização que estaria dando errado nas cidades era, na visão euclidiana, tarefa premente do Estado brasileiro, sob a pena de desaparecermos como povo antes mesmo de criarmos uma nacionalidade.

A fala de um homem de ciência, como era Euclides da Cunha, corroborava as assertivas contidas em “*Os sertões*” diante de uma sociedade letrada que afirmava o papel da ciência para “falar sobre”. Para Euclides era necessário, antes de tudo, conhecer os sertões. Tanto acreditava nessa premissa que se colocava com a tarefa de contar sobre os sertões

embasado no fato de ter “visto” estes sertões, de tê-lo conhecido. Para tanto, nas notas contidas na 2ª edição de “Os sertões”, datada de março de 1903, o escritor se explica:

E se não temesse envidar-me em paralelo que não mereço, gravaria na primeira página a frase nobremente sincera de Tucídedes, ao escrever a história da guerra do Peloponeso – porque eu também, embora sem a mesma visão aquilina, escrevi ‘sem dar crédito às primeiras testemunhas que encontrei, nem às minhas próprias impressões, mas narrando apenas os acontecimentos de que fui espectador ou sobre os quais tive informações seguras. (CUNHA, 1997:596).

Após a publicação do livro euclidiano o sertão voltou a ser o tema de diversas produções, mas sob um novo olhar que diferia essencialmente do olhar romântico: o sertão passa a ser visto como espaço do atraso, espaço onde era preciso intervir com as ferramentas do progresso. Mirá-los não suponha mais encontrar algo em que o morador citadino deveria reconhecer como origem, mas significava, antes de tudo, diagnosticar uma patologia. Porém uma patologia que seria conseqüência do abandono e não da degeneração racial. O sertão passa a ser o espaço promissor, o berço e o alavancador de uma nação que ainda não se formara: a brasileira. Nação que só o progresso forjaria sendo necessário ultrapassar os limites das cidades e adentrar com o progresso nos sertões.

Embora o sertão fosse um tópico que mobilizava discussões havia algum tempo, a constatação dele como região-problema por uma camada intelectual que residia especialmente na capital federal, o Rio de Janeiro, fez com que se aprofundasse certo mal-estar entoadado de maneira visceral pela obra euclidiana. Progressivamente o Estado foi criando comissões de engenheiros, com o objetivo de dar uma solução ao problema “sertão”, até que em 21 de outubro de 1909 foi criada, através do decreto 7.619, a Inspeção de Obras Contra as Secas (IOCS) e com ela o projeto de construção de uma nação a partir da resolução daquilo que se considerava o maior problema do sertão: as secas.

No novo órgão os postos foram sendo paulatinamente ocupados por engenheiros sob a liderança do também engenheiro Miguel Arrojado Lisboa. O regulamento e a instalação do novo órgão receberam opiniões de homens como Capistrano de Abreu e Euclides da Cunha, bem como foi saudada de maneira efusiva pela comunidade letrada no Brasil. Assim é que na edição de 26 de outubro de 1909 o Jornal do Comércio, um dos principais periódicos do Rio de Janeiro, então a capital federal, saudava a criação da IOCS com a seguinte alerta:

Não é obra para cinco nem para dez anos, mas custasse, embora, o esforço de uma geração, seria ridículo que o país dezanimasse de vencer a terrível calamidade e entregasse ao destino inclemente uma população *heróica e forte*, que póde vir a ser um excelente elemento de progresso para nós. (Jornal do Comércio, 26/ 10 /1909)

A constatação do sertão - e das secas que os impeliam ao atraso - como um problema de caráter nacional funcionava como uma justificativa para a existência de um projeto intervencionista nos sertões semi-áridos. O temor de que um possível desmembramento do território se tornasse realidade por conta do desconhecimento mútuo dos espaços sertão-cidade era uma alarmante possibilidade evocada por aqueles que apoiavam o empreendimento da IOCS. As palavras do inspetor Arrojado Lisboa, em conferência na Biblioteca Nacional, consideravam essa hipótese de desmembramento como um vetor que impulsionava e corroborava a ações intervencionistas sobre os sertões do nordeste do país colocando-as, por conseguinte, como parte do projeto republicano de construção de uma nação:

Ora, senhores, o sentimento da unidade nacional ainda é bastante forte hoje em dia, para impedir qualquer Idea germinadora de desmembramento, amanhã talvez não o seja. Uma política se impões agora, capaz de neutralizar os efeitos da diferenciação anthropogeographica, no interesse da integridade política da nação(...). Ela deverá ter por objeto ajuntarem-se nossas grandes divisões phisicas, para promover (...) o progresso compatível com cada uma.
O problema das secas é, pois, na sua mais alta expressão, o problema mesmo da nossa integridade nacional.(LISBOA, 1916: 28)

Foi embasado nessa compreensão de integração do território pelo progresso que as ações da IOCS em seus primeiros anos foram direcionadas para o reconhecimento científico do espaço tendo, para isso, que contar com o concurso de vários cientistas tais como médicos, geólogos, engenheiros, botânicos e astrônomos.

O inspetor-chefe Arrojado Lisboa, que era um engenheiro formado na Escola de Minas de Ouro Preto, era adepto da pesquisa de base e imprimiu esse caráter no direcionamento do novo órgão cercado-se de vários cientistas nacionais e estrangeiros que pudessem fazer viagens à região das secas com o intuito de observá-las e estudá-las. Para Lisboa era necessário conhecer os sertões, observá-los para então depois transformá-los, pois só assim a IOCS poderia “traçar o programma dos seus serviços apoiado em factos de pura e real *observação*[grifo meu]no terreno.”(CRANDALL, 1910: Prefácio) Para tanto desqualificar o discurso literário era um passo primordial para se refundar um olhar sobre os sertões. Assim foi que os médicos Belisário Penna e Artur Neiva ao percorrerem a região semi-árida em 1912 à serviço da IOCS salientavam a necessidade de um deslocamento do olhar romântico para o científico, contrastando o olhar da imaginação e o olhar da ciência:

Concorre muito para esse estado de cousas,as falsas informações dos que viajam por essas rejiões, pintando em liguajem florida e imajinosa quadros de intensa poesia da vida bucólica, feliz e farta. Nós, se fôramos poetas, escreveríamos um poema trajico, como a descrição das misérias, das desgraças dos nossos infelizes sertanejos abandonados. A poesia das paisajens e dos panoramas, ficaria apagada pela tragedia,

pela desolação e pela miséria dos infelizes habitantes sertanejos, nossos patrícios. Os nossos filhos, que aprendem nas escolas que a vida simples de nossos sertões é cheia de poesia e de encantos, pela saúde de seus habitantes, pela fartura do solo, e generosidade da natureza, ficariam sabendo que nessas rejões se desdobra mais um quadro infernal, que só poderia ser majistralmente descrito pelo DANTE imortal. (NEIVA,1916: 222)

No período em que esteve à frente da IOCS Arrojado Lisboa patrocinou várias viagens de observação científica com a ajuda do Serviço Geológico e Mineralógico Brasileiro, da Universidade de Stanford e do Instituto Oswaldo Cruz. Estes cientistas produziram suas impressões sobre o espaço embasados no caráter científico de suas ferramentas especializadas construindo um discurso que fundava um novo olhar sobre o sertão, agora encarado como espaço-problema da constituição de uma nacionalidade.

OS A(U)TORES DO SERTÃO

“A narrativa de viagem traduz o outro, e a retórica da alteridade constitui o operador da tradução: de fato, é ela que faz o destinatário crer que a tradução é fiel”. É assim que o historiador François Hartog expressa a forma pela qual um discurso produz seu caráter de verdade dentro da narrativa (HARTOG, 1999:273). Essa busca pela alteridade constitui uma característica basilar e criadora tanto do narrador quanto do destinatário que crê na narrativa. É, de fato, esse jogo do que é dito – ou melhor, de como é dito – aliado com as expectativas do destinatário que funda a autoridade daquele que comunica.

No Brasil da virada do século XIX para o XX o discurso da ciência era o discurso da autoridade por excelência e foi nesse contexto que as viagens científicas promovidas pela IOCS sob o comando de Arrojado Lisboa construía uma nova forma de perceber e, por conseguinte, de sentir os sertões, partilhando entre o mundo letrado uma visão fundada no olhar científico corroborado pelas viagens dos autores dos diversos estudos que a IOCS fez publicar. Assim foi que mesmo a forma didática como que era escrito estes estudos era motivo de preocupação constante como se pode depreender na fala do geólogo americano Horatio Small, que estudou a região entre o Ceará e o Piauí entre 1913 e 1914:

No relatório que agora apresento, cuidei de tratar as questões geológicas do modo mais simples e, sempre que possível, ilustrar as feições geológicas por meio de photographias e secções geológicas, afim de que a relação da geologia com as águas subterrâneas fosse mostrada com mais clareza. O trabalho foi feito mais especialmente para aquelles que não conhecem os princípios e applicações da geologia, e é de esperar que estas notas sejam sufficientemente claras e fáceis de comprehender. (SMALL, 1923: 13-14)

A escrita sobre os sertões corporificava o desejo de intervenção da ciência sobre o espaço, pois seria pela escrita que se faria a primeira apropriação deste. A palavra seria a ferramenta para a conquista dos sertões pelo saber científico, pelo mundo civilizado. Assim é que nos relatórios produzidos pela IOCS o sertão semi-árido foi descrito comumente como o lugar de um futuro promissor, cujas riquezas trariam a prosperidade para a nação que se almejava construir. O geólogo americano Ralph Sopper, que viera da Universidade de Stanford na Califórnia especialmente para empreender uma viagem de exploração no semi-árido brasileiro, atestava que a observação das condições do sertão seria fundamental importância, pois:

É fácil cair no erro de, com fito de desprezo, dizer que a região é atrasada e seu povo indolente. Deve-se, contudo, lembrar que o sul do Brasil, particularmente o Rio de Janeiro e o estado de S.Paulo, teve as vantagens das idéas, do capital, e do braço adestrado dos estrangeiros. O nordeste nada disto teve. (SOPPER, 1914: 2)

Sopper salientava as disparidades que separavam regiões medindo os espaços que as distanciavam pelo capital e trabalho. Em outro estudo o mesmo Sopper observava quase que com espanto que “a terra permanece solitária, sendo conhecida como uma picada, um mato inextricado e feroz” (SOPPER, 1923:51). Personificando a natureza o cientista fazia dela, também um sujeito no sertão. A natureza tanto agiria sobre o espaço quanto sobre o homem, determinando suas ações. A personificação da natureza era uma constante na construção narrativa dos sertões desde o séc. XIX e, ademais, era também um artifício narrativo usado por Euclides da Cunha na construção de “*Os sertões*”. Há de se considerar que esse determinismo geográfico era um método analítico bastante usado pelos cientistas daquele período – consumidores de obras de geógrafos tais como o inglês Thomas Buckle e o alemão Friedrich Ratzel. Não á toa essas leituras se aproximam tanto que Euclides da Cunha foi por diversas vezes citado como referência nos relatórios de estudos da IOCS. Seu olhar especializado ajudava a afirmar as observações dos cientistas. Ademais evocar a consagrada obra euclidiana era torná-la referência basilar no que se propunha - o que creditava a IOCS para o amplo público leigo conhecedor de “*Os sertões*”. Assim justificava Arrojado Lisboa:

Na ordem moral, uma notável conseqüência da aridez do clima, a Arábia, o comprova, é o nascimento do fanatismo e da intolerância. A região semi-árida fornece exemplos notabilíssimos dessa influência do meio sobre uma população ainda inculta. Por ignorarmos de facto a sua origem e a sua força, engastamos na nossa história a memorável tragédia que foi relatada em um *livro immortal*. O fanatismo de Canudos se explica pelo effeito psychológico da aridez do meio. (LISBOA, 1916:26)

Para o inspetor da IOCS Arrojado Lisboa, confessadamente adepto da antropogeografia do alemão Friedrich Ratzel, não haveria progresso se não se levasse em conta a geografia do espaço sertanejo, pois acreditava ele que “os fatores geográficos são o elemento constante na formação do Estado, o homem retarda ou acelera a sua adaptação, isto é, a sua marcha.”(LISBOA, 1916: 11). Para o engenheiro a civilização se fundaria numa ação coordenada homem-natureza no combate às secas, sendo o sertanejo parte dessa natureza virgem, onde o progresso não havia tocado suas mãos transformadoras. Os médicos higienistas Belisário Penna e Arthur Neiva, que foram aos sertões à serviço da IOCS, observam essa natureza idílica que robustece o sertanejo deixando-o tanto rude quando dando-lhe um caráter de bondade:

A índole dos habitantes é pacífica, contudo certos fatos, deixam transparecer um fundo de crueldade inexplicável.(...)

A criminalidade deve ser elevada; a maioria dos criminosos facilmente foje, pois em geral, os crimes são cometidos premeditadamente e surpreendem a vítima quase traiçoeiramente. (NEIVA, 1916: 172-173)

Território sem lei, atrasada, antro de criminosos: eis alguns dos problemas dos sertões para parte daqueles cientistas. Mesmo atentando para a hospitalidade do sertanejo o tom de denúncia voltava-se para a ignorância desse mesmo sertanejo. A superação do atraso do sertão brasileiro seria conseguida por uma educação civilizatória, pois, negando as teses racialistas tão em voga no período, os estudiosos a serviço da IOCS comungavam com pelo menos dois pontos que tratavam de deixar bem claro: a força do sertanejo e a sua disposição para o trabalho. Os médicos higienistas do Instituto Oswaldo Cruz, que foram de longe os mais pessimistas quanto ao futuro dos sertões, ainda assim salientavam esse traço do sertanejo. No diário da expedição comandada por Arthur Neiva e Belisário Penna se nota, por exemplo, desenhado um quadro bem enobrecedor do sertanejo:

Apesar de rústicos e analfabetos quase todos (...), serviram-nos com dedicação, concorrendo efizcamente para a marcha excepcional que realizamos. Eles eram os primeiros que se levantavam, geralmente as 4 e meia da madrugada, às vezes mais cedo e os últimos que se acomodavam quando chegávamos aos pouzos. Realizaram todo o percurso a pé, utilizando-se algumas vezes dos animais adestros. Em resistência, duvidamos que haja raça igual á do sertanejo do nordeste. Dê-se-lhe carne do sol, farinha e rapadura e ele caminhará, á pé, sem desfalecimento, mezes a fio, por quasquer rejiões. (NEIVA, 1916: 220)

Em 1910 o geólogo americano da IOCS Roderic Crandall, que empreendia uma das primeiras excursões do novo órgão nos sertões brasileiros, surpreende-se com o que encontra e observa:

Os nortistas, todos conhecidos como cearenses, são notáveis por sua energia, habilidade, faculdade de resistência e actividade, quando há alguma coisa a fazer. São realmente gente de muito melhor qualidade do que são comumente considerados. Embora rudes e pouco civilizados, é verdade, em todos elles encontra-se o estofa de que se fazem os bons e úteis cidadãos para o paiz. (CRANDALL, 1910: 78)

Como exemplifica Roderic Crandall ao morador do sertão era reservado tanto críticas pela sua pouca civilização quanto exaltações por sua capacidade de resistência. Ademais mesmo a não-civilidade do sertanejo não raro implicava um fator positivo, pois atestava uma sociedade que apenas precisava ser orientada. A imagem de um espaço idílico com um povo ainda puro e de fácil organização para o trabalho de construção da nação ganhava um conteúdo positivo, pois “não se conhecem greves, não há socialistas nem, muito menos, anarquistas, os agricultores nem de política se occupam”. (POMPEU SOBRINHO, 1912: s/p) A nação, portanto, encontraria nos sertões os indivíduos mais aptos para a tarefa de sua construção. Fazia-se dos sertões uma tabula rasa, um espaço do vazio cujo loteamento caberia ao progresso preencher.

A definição do “outro” por oposição ao “eu” era um artifício fundamental para que se compreendesse o que se propunha mostrar. É certo que taxar o outro – o sertão - com cargas de negatividades extremas não seria, de fato, um bom artifício, pois excluiria, por consequência, a possibilidade de construção de uma nação forte e, por conseguinte, romperia profundamente os laços que ligavam sertão-cidade em uma só nação, fadando o projeto da IOCS de aproximá-los. A saída era: uma vez diagnosticado elementos negativos aos sertões imediatamente os cientistas tratavam de elencar uma série de adjetivações e possíveis potencialidades que pudessem afirmar a ação transformadora do Estado no espaço sertanejo. Mais importante do que buscar no outro – o sertão e o sertanejo - elementos que os afastassem e os diferenciasses de si, os homens da IOCS buscaram - concomitantemente ao elenco de negatividades que corroborassem uma intervenção - inventariar as possibilidades e positivities do homem daquele espaço. Daí certa tensão que perpassa nos relatórios produzidos e uma retórica da alteridade que se fundava dentro de uma dicotomia possível em que o outro se apresenta ao mesmo tempo como igual e diferente. O geólogo Ralph Sopper exemplifica bem essa tendência numa passagem em que observa a falta de critério do sertanejo, pois o que “de mais impressionador posso me referir no meu trabalho(...) é o facto de ter o povo escolhido deliberadamente a peor terra para viver nella”(SOPPER., 1923:80) e, no entanto, noutro momento, o mesmo geólogo definia o sertanejo como um forte que é abandonado, exaltando-o de maneira tal que faz lembrar as mais trágicas páginas de “*Os sertões*”, vale a citação:

O sertanejo perdeu o espírito de iniciativa, perdeu quase toda a ambição, e anda ‘morrendo em pé’. Quando, porém, um homem de meia idade pode recordar sua própria existência, em que por três vezes elle abandona a casa, a terra, o gado, e fugiu á sua verdadeira vida, quem lhe há de censurar a perda da iniciativa e a convicção de que os esforços humanos são vãos? E também quem há de censurar o capitalista que recusa applicar dinheiro em semelhante terra? Tal é o problema do sertão. (SOPPER, 1923: 85)

Da leitura romântica do meio passa-se a leitura romantizada do homem, ele mesmo em íntima relação com o meio. O botânico Léo Zehntner num estudo de campo publicado em dezembro de 1914 – publicado pela IOCS - assim expressa suas observações sobre os trabalhos dos maniçobeiros, numa passagem em que tenta descrever o movimento destes trabalhadores:

Quem não tem o costume de uma forte dose de exercícios phisicos, não é capaz de seguir, dia a dia, o maniçobeiro trabalhoso nos seus afazeres.
Às vezes, os maniçobeiros se dão ao trabalho de fazer picadas: “mergulham” no carrasco, arrastando-se no chão e passando por baixo dos arbustos, troncos e galhos mortos, para reaparecerem ao pé das maniçobas e lhes tirem o látex. (ZEHTNER, 1914: 29)

O mesmo registro de abandono se percebe na declaração de Ralph Sopper em que o povo sertanejo ganhava cores de um herói épico:

Os estados da Parahyba e Rio Grande do Norte são muito pouco habitados, e a luta pela vida, deste povo, durante os últimos 200 anos, constitue uma da páginas épicas da América do Sul. Expellido de seus lares de tempos em tempos, forçado a fugir à fome e à sede, elle tem voltado sempre, e no sertão ainda se acha, supportando indizíveis privações, e esperando, com quase tácita paciência, a vinda de melhores tempos. (SOPPER, 1923: 18)

Na prática os cientistas iam dando um rosto para a região e, uma vez que estes representavam a ciência, suas observações eram tomadas como verdades irrefutáveis e, portanto, aptas para se tornarem “lugares-comuns” nas discussões posteriores sobre os sertões. Seus diagnósticos tinham um poder de verdade, um olhar de autoridade, pois corroborados pelos seus saberes. Uma vez que a IOCS se propunha a combater às secas só a ela era dada a autoridade para afirmar ou anular tais representações do espaço. Uma vez que os cientistas da IOCS tratavam de acentuar o caráter pioneiro dos seus serviços nos sertões as marcas representacionais que estes faziam do espaço ganhavam *status* de “verdade”. A “pura e real observação”, dogmatizada nas orientações primeiras do seu inspetor-chefe, orientou os planos da IOCS durante o período em que Arrojado Lisboa esteve à frente do órgão, impulsionando as viagens de observação do território e obedecendo a um plano de modernização do Estado Republicano que se traduzia num ponto de concordância entre aqueles que estiveram à frente

da IOCS: o progresso. De múltiplas matrizes esse progresso foi colocado como objetivo final de várias ações que se produziam. Embora não tenha ocorrido de maneira unidimensional – e em muitos momentos perpassasse uma profunda tensão narrativa - essas construções discursivo-imagéticas do espaço das secas possuíam na idéia de uma “terra abandonada” um lugar comum que a colocava como espaço privilegiado para o projeto de modernização alavancado pelo Estado na construção de uma nação moderna.

Foi preciso recriar uma forma de perceber os sertões e daí estabelecer as arestas com que se pudesse balizar um novo pensar sobre eles. É por essa chave de interpretação que a emergência dos estudos empreendidos pelos cientistas da IOCS devem ser compreendidos, qual seja, o de um momento em que se estabelece uma tensão perceptiva, resultado de um olhar científico que constrói, não sem certo mal-estar, uma nova representação. Formulação esta que se embasava numa nova experiência histórica construída sob as ruínas do velho sertão romantizado, resguardando-o em certos momentos e negando-lhe em outros, mas principalmente mediada por uma nova concepção de ciência que se queria promotora do progresso que historicamente direcionou o olhar perceptivo e com ele todo um arcabouço sensível daqueles quisessem ir ao encontro dos sertões brasileiros.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

ALENCAR, José. **O sertanejo**. Ed. Melhoramentos: São Paulo, 6ª ed, s/d. p. 9-10.

CUNHA, Euclides. **Os sertões**. Editora Record, 1997. p. 596.

CRANDALL, Roderic. **Geographia, Geologia, Suprimento d'água, Transportes e Açudagem nos estados orientaes do norte do Brasil**. Rio de Janeiro: IOCS, 1910. p.78.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: Ensaio sobre a representação do outro**. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 1999. p. 273.

JORNAL DO COMÉRCIO (Rio de Janeiro-RJ), 26/ 10 /1909.

LISBOA, Arrojado. **O problema das seccas**. IN: ANNAES DA BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO, Vol. XXXV, Rio de Janeiro: Officinas Graphiacas da Bibliotheca Nacional, 1916. p.28.

NEIVA, Arthur e PENNA, Belisário. **Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauhí e de norte a sul de Goiaz**. IN: Memória do Instituto Oswaldo Cruz.. Tomo VIII. Fascículo II. Rio de Janeiro: IOC, 1916.p.222.

POMPEU SOBRINHO, Thomaz. **Memória Justificativa do Açude Quixeramobim**. IN: Arquivo DNOCS. Acervo de Açude Públicos do Ceará. Pasta 168.2. Açude Quixeramobim.Doc: Memória Justificativa. Memória Justificativa apresentada ao Exmo. Sr. Inspector das Obras Contas as Secas.

SMALL, Horatio. **Geologia e Suprimento d'água subterrânea no Ceará e parte do Piauhy**. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 2ª Ed, 1923 (1ª Ed. 1913). p. 13-14.

SOPPER, Ralph. **Geologia e Suprimento d'água subterrânea em Sergipe e no nordeste da Bahia.** Rio de Janeiro: IOCS, 1914. Op.cit. p.2.

_____. **Geologia e Suprimento d'água subterrânea no Rio Grande do Norte e Parahyba.** Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 2ª Ed, 1923 (1ª Ed. 1913). p.51

ZEHNTNER, Léo. **Estudo sobre as manivas do Estado da Bahia, em relação ao problema das seccas.** Rio de Janeiro: IOCS, 1914. p.29.